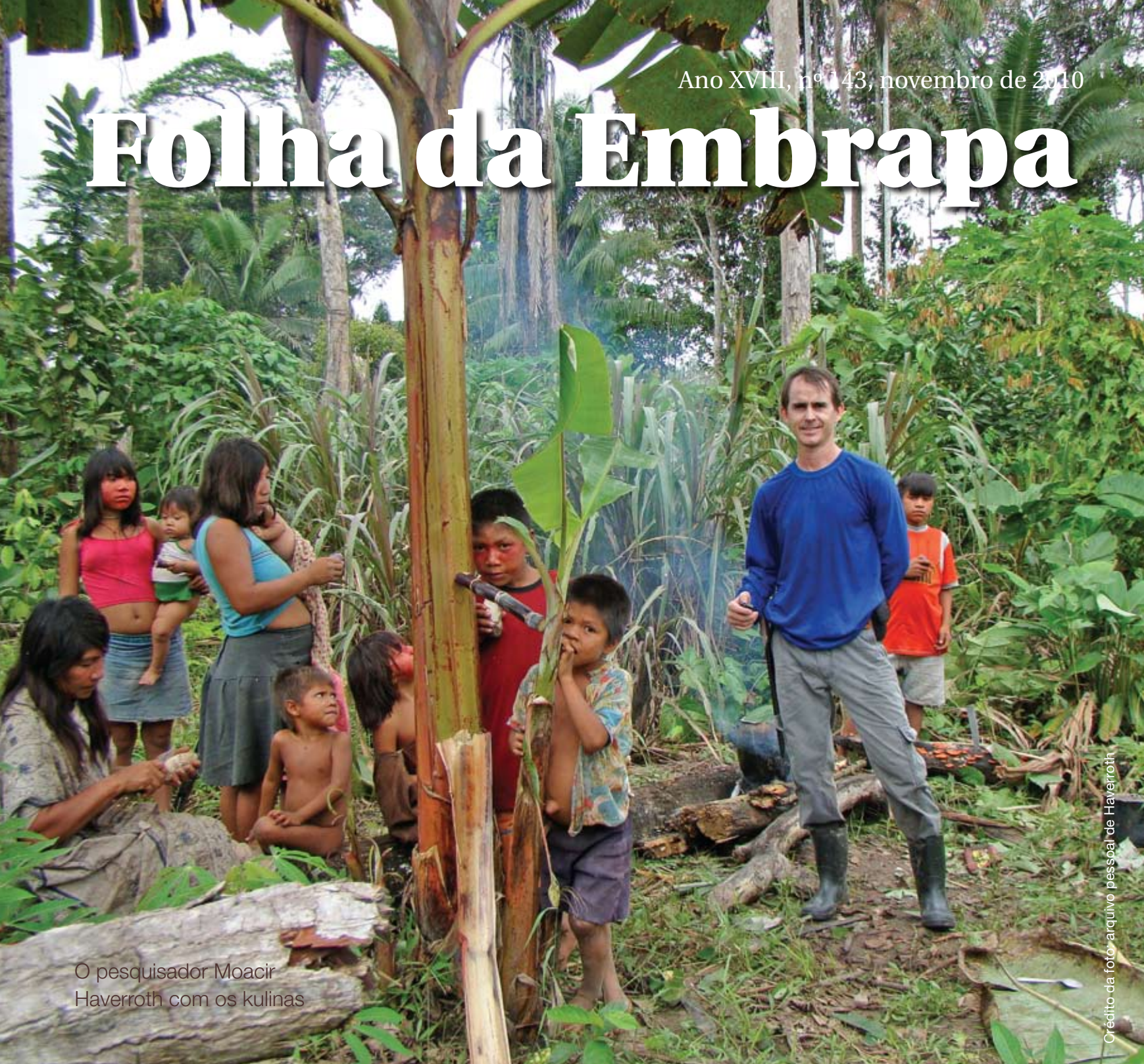


Folha da Embrapa



O pesquisador Moacir Haverroth com os kulinás

Crédito da foto: arquivo pessoal de Haverroth

No coração da AMAZÔNIA

Conheça um dos projetos da Embrapa com comunidades indígenas. No Acre, por exemplo, o trabalho é com os kulinás, que vivem no alto do Rio Envira, quase fronteira com o Peru. É um trabalho de campo que dura cerca de 40 dias e na maioria das vezes as equipes de pesquisa ficam alojadas em pequenas embarcações.

Páginas centrais

Sumário

3 | Conheça um pedacinho da Embrapa Pantanal, da Embrapa Monitoramento por Satélite e da Embrapa Milho e Sorgo.

4 | Assessoria Parlamentar (ASP) é reestruturada para atender à crescente demanda das UDs.

5 | Fique por dentro das novas assinaturas-síntese de cinco Unidades Descentralizadas.

6 e 7 | O trabalho da Embrapa Acre com comunidades indígenas Kulinas é o destaque das páginas centrais.

8 | O chefe da Assessoria de Inovação Tecnológica (AIT) faz um balanço do “Canteiro de Ideias”.

9 | Os cuidados que a Embrapa Gado de Leite tem com o meio ambiente e uma nova pesquisa de opinião

10 | A preservação do meio ambiente está melhorando a qualidade no trabalho da Embrapa Monitoramento por Satélite e da Embrapa Acre.

11 | A Embrapa Agrobiologia é cenário da novela da Globo e a aprovação pela Petrosbras do Projeto Caatinga.

12 | Tem filme dirigido e estrelado por empregados da Embrapa concorrendo aos Festivais de Cinema de Brasília e de Vitória.

Os destaques de

NOVEMBRO

Os projetos da Embrapa que fazem parte da programação da Empresa, os Macroprogramas, estão obtendo resultados que valem a pena ser mostrados. O pesquisador Moacir Haverroth, da Embrapa Acre (Rio Branco, AC) está à frente de um desses trabalhos. Trata-se do projeto “*Etmologia e etnoecologia entre os povos da floresta, Acre: os kulinas (Madija) do Alto Rio Invia*”.

Executado no âmbito do Macroprograma 6, teve início em 2008 e já registrou cerca de 200 espécies de plantas utilizadas pelos kulinas, indígenas do alto do Rio Envira, próximo à fronteira com o Peru. Um trabalho que exigiu do pesquisador aprender a língua Kulina. Paciência e respeito às tradições daqueles povos também foram necessários para o sucesso do trabalho.

Este é o assunto de destaque desta edição, que também trata dos resultados da parceria entre as Unidades Centrais e as Descentralizadas. Um exemplo do trabalho conjunto entre a Assessoria Parlamentar e Unidades Descentralizadas resultou em um ganho superior a R\$ 107 milhões no orçamento da Embrapa em 2010. Outros assuntos que mereceram ser tratados na edição de outubro: um balanço do Canteiro de Ideias, canal de comunicação pelo qual qualquer empregado ou colaborador pode sugerir uma solução para um problema do dia a dia; e o nosso colega roteirista, ator e diretor de cinema e teatro que se prepara para lançar seu primeiro curta-metragem, com estreia marcada em dois festivais de cinema nos meses de novembro e dezembro. Boa leitura!

Os editores.

Participe do Folha da Embrapa

Pelo Malote

Envie sua sugestão para:
Editor-executivo do Folha da Embrapa.
Assessoria de Comunicação Social
(ACS). Sala 222, Sede da Embrapa

Por e-mail

Escreva para:
folhadaembrapa@embrapa.br



EXPEDIENTE - Folha da Embrapa é uma publicação editada pela Assessoria de Comunicação Social (ACS) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Endereço: Parque Estação Biológica s/nº Edifício Sede. CEP: 70.770-901 - Brasília-DF. Fones: (61) 3448-4834. Fax: (61) 3347-4860.

Diretor-Presidente: Pedro Antonio Arraes Pereira. **Diretores:** José Geraldo Eugenio de França, Kepler Euclides Filho e Tatiana Deane de Abreu Sá. **Chefe da Assessoria de Comunicação Social:** Rose Azevedo. **Coordenadora de Comunicação Interna:** Gilceana Soares Moreira Galerani. **Coordenadora de Imprensa:** Marita Féres Cardillo. **Coordenadora de Eventos e Publicidade:** Maria da Graça Monteiro. **Fotolitagem, Impressão e Acabamento:** Embrapa Informação Tecnológica. **Fone:** (61) 3349-6530. **Editores:** Rose Azevedo Mtb 2978/13/74/DF. **Editora Executiva:** Sandra Zambudio Mtb 929/81/PR **E-mail:** sandra.zambudio@embrapa.br **Editor Executivo Substituto:** Fernando Gregio Mtb 42280/SP **E-mail:** fernando.gregio@embrapa.br. **Revisão:** Eduardo Pinho. **Editoração Eletrônica:** Roberta Barbosa e Francisco Ottoni. **Conselho Editorial:** Rose Azevedo, Gilceana Galerani, Sandra Zambudio, Mônica Silveira, Heloiza Dias da Silva, da ACS; Alba Chiesse, do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD); Juliana Villa, do Departamento de Gestão de Pessoas (DGP); Irene Lobo, da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. **Convidado do mês:** Robinson Cipriano e José Felipe Ribeiro, assessor da Diretoria.

1975



Foto: Ana Maio

Embrapa Pantanal

Localizada em Corumbá (MS), a Embrapa Pantanal completou 35 anos. Suas pesquisas são focadas na sustentabilidade do agronegócio envolvendo o Pantanal, considerado hoje o bioma mais conservado do País. Dos 130 empregados, 40 são pesquisadores que atuam para gerar tecnologias, produtos e processos que vão fazer a diferença para o ecossistema. Além da sede, que fica na área urbana, a Embrapa Pantanal possui a Fazenda Nhumirim, um campo experimental localizado na planície pantaneira, onde é desenvolvida boa parte das pesquisas relacionadas à pecuária e ao meio ambiente. Aquicultura, pesca e agricultura familiar são outras áreas com pesquisas relevantes para a região. *(Colaboração: Ana Maio)* ■

Cena comum na Fazenda Nhumirim: em época de seca, antes buscam água nas salinas - lagoas pluviais naturais que possuem alta salinidade e são localizadas em meio à mata nativa do Pantanal.

1975



Foto: Cláudio Norões

Embrapa Milho e Sorgo

Criada em fevereiro de 1975, a Embrapa Milho e Sorgo (Sete Lagoas, MG) completou 35 anos em 2010. Para sua criação, a Unidade aproveitou a infraestrutura existente desde 1925 do então Campo de Cereais e Leguminosas, mais tarde denominado IAO (Instituto Agrônomo do Oeste) e, posteriormente, Ipeaco (Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Centro-Oeste), instituições públicas voltadas para ações de pesquisa em diversas culturas agrícolas. Referência no desenvolvimento de cultivares de milho, sorgo e milheto, a Unidade também desperta a atenção de quem a conhece por suas belezas naturais e arquitetônicas. “As riquezas naturais são deslumbrantes” ou “fiquei impressionado com a beleza das lagoas e dos prédios antigos” são os comentários comuns entre os colegas que chegam. A Unidade conta com 311 empregados, sendo 63 pesquisadores, 208 assistentes e 40 analistas. A foto mostra a visão do prédio principal por trás da Lagoa da Capivara, uma das várias encontradas na Unidade. Integra as ações de pesquisa e de transferência de tecnologia o Campo Experimental do Gorutuba, no município mineiro de Nova Porteirinha, no norte de Minas. *(Colaboração: Guilherme Viana)* ■

1987



Foto: Cláudio Norões

Embrapa Agroindústria Tropical

Criada originalmente como Centro Nacional de Pesquisa do Caju, em abril de 1987, a Embrapa Agroindústria Tropical (Fortaleza, CE) ampliou sua atuação em 1993, passando a ter como foco as cadeias produtivas de interesse da agroindústria tropical. Em 23 anos de existência, sua equipe já deu muitas respostas para o desenvolvimento de atividades geradoras de emprego e renda no agronegócio do País. São 176 empregados, entre os quais 62 pesquisadores. As sete principais linhas de trabalho são: proteção de plantas, melhoramento e biologia vegetal, sistemas de produção de plantas, segurança dos alimentos, gestão ambiental, pós-colheita e processos agroindustriais. A Unidade dispõe de 18 laboratórios e de dois campos experimentais: em Pacajus e em Paraipaba. *(Colaboração: Verônica Freire)* ■

Novo parlamento, novos desafios

Sandra Zambudio

A mudança do parlamento brasileiro vai trazer muito trabalho à Assessoria Parlamentar (ASP). Os resultados das eleições 2010 mostram que, da atual legislatura, 16 parlamentares trocarão a Câmara pelo Senado no próximo ano. No Senado foram eleitos 37 novos senadores e 17 foram reeleitos. Vinte e sete deles têm mandato até 2015. O alto índice de renovação do Congresso Nacional (46% na Câmara e 68,52% no Senado) vai exigir muito trabalho dos técnicos da ASP.

Para melhor desenvolver suas tarefas, a Unidade acabou de passar por uma reestruturação. Ganhou status de Unidade Central, com quatro supervisões: processo legislativo, processo orçamentário, acompanhamento de demandas parlamentares e organização e gestão da informação. “Era preciso reforçar a equipe para conseguirmos eficácia no trabalho de planejar e coordenar o processo de articulação política e parlamentar com as instituições do poder legislativo nas esferas federal, estadual, distrital e municipal, enfatiza Cynthia Cury, chefe da ASP. Cynthia acredita que a reestruturação vai permi-

tir a ampliação do trabalho de parceria com as Unidades Descentralizadas na articulação com parlamentares e no acompanhamento dos resultados. A parceria com as UD's, aliás, tem rendido bons frutos à Empresa como um todo, a começar pelo reforço no orçamento da instituição em decorrência de emendas individuais e em comissões da Câmara e do Senado, como a de Agricultura e a da Amazônia. Para se ter uma ideia, a chefe da ASP lembra que a proposta do orçamento para a Embrapa em 2010 foi de 1 bilhão, 748 milhões, 66 mil e 549 reais.

No entanto, o aporte orçamentário aprovado foi de 1 bilhão, 855 milhões 782 mil e 832 reais. A diferença entre o proposto e o aprovado foi de 107 milhões, 116 mil e 238 reais, provenientes de emendas parlamentares tanto de comissões de bancada como individuais.

Essa foi uma conquista não só do trabalho coordenado pela ASP, mas de toda a Empresa, comemora Cynthia, lembrando a credibilidade do trabalho da Embrapa e o que seus resultados vêm proporcionando ao País. “Hoje estamos bem próximos aos parlamentares. Nosso trabalho é conjunto, o que mostra o valor da instituição”, diz.

Sem dúvida, esse é um trabalho que não acaba. Ao contrário, tende a ficar mais e mais necessário para garantir a continuidade das emendas parlamentares. Mesmo com as mudanças que vêm por aí com a renovação do Congresso Nacional, várias emendas já estão engatilhadas para compor o orçamento da Embrapa para 2011, cuja proposta inicial é de 1 bilhão, 789 milhões, 952 mil e 605 reais, informa Cynthia.

Trabalho conjunto com as UD's

A Assessoria tem hoje uma equipe de técnicos com expertise para desempenhar a tarefa de articulação e acompanhamento de todas as questões da Empresa com o Congresso Nacional. “Mas precisamos da força de todas as Unidades. Afinal, são elas que têm o contato efetivo com os parlamentares de suas regiões”, diz, lembrando que essa articulação sempre trouxe bons frutos. Waldyr Stump Júnior, chefe geral da Embrapa Clima Temperado (Pelotas, RS), que o diga. A Unidade conseguiu R\$ 900 mil reais para a construção de um centro de capacitação e treinamento para técnicos brasileiros, uruguaios e argentinos. Segundo Stump, o cen-



Foto: Sandra Zambudio

Da esquerda para a direita: Walmir Rodrigues, Flávia Brandão, Adriana Porto, Joana Carvalho, Álvaro Gerin, José Ferreira, Patrícia Formiga, Marilda Prudente e Bruna Souza. No centro: Cynthia Cury e Danielle Leite.

tro era necessário para complementar ações de transferência de tecnologias geradas pela Unidade e que beneficiam agricultores familiares.

No ano passado, devido ao trabalho de articulação das Unidades do Ceará com a bancada daquele Estado no Congresso Nacional, também foi aprovada uma emenda no valor de aproximadamente R\$ 23 milhões, sendo cerca de R\$ 19 milhões para a Embrapa Agroindústria Tropical (Fortaleza, CE). Segundo Vitor Hugo de Oliveira, chefe geral da Unidade, o recurso está promovendo transformações no centro, com a execução das obras do Laboratório Avançado Multiusuário de Química de Produtos Naturais, do Laboratório de Valorização de Resíduos e da Biomassa, do Laboratório de Processos Agroindustriais e do Laboratório de Embalagens. O recurso também será aplicado em melhorias nos campos experimentais e na ampliação e revitalização da infraestrutura básica da Unidade. Outras Unidades beneficiadas pelo recurso: Embrapa Caprinos e Ovinos (Sobral, CE) e Embrapa Algodão (Campina Grande, PB). ■

Subsídios importantes

O trabalho da ASP vai além da questão orçamentária. “A tarefa de acompanhamento do processo legislativo, por exemplo, muitas vezes pode, mudar a cabeça, dos parlamentares”, considera Cynthia. Informações técnicas enviadas pelos pesquisadores aos deputados e senadores subsidiam os parlamentares em suas decisões e elaboração de políticas públicas. O Projeto de Lei que institui a política nacional de integração lavoura-pecuária-floresta foi concebido com a participação da Embrapa e encontra-se em fase final de aprovação. Agora o desafio é a aprovação da Medida Provisória 504, que trata da internacionalização da Embrapa.

Você sabia que...

Joanicy Brito

● A Empresa tem mais uma Unidade. É a Embrapa Quarentena Vegetal (Brasília, DF), estrutura administrativa, técnica e capital próprios, vai prestar serviços relacionados ao intercâmbio e quarentena de germoplasma vegetal de nível1, tarefa desempenhada desde 1976 por uma equipe de pesquisa da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. A nova Unidade foi criada para dar apoio à manutenção da segurança biológica da agricultura brasileira e também o aumento da demanda do serviço para atender programas de incentivo à agroenergia, questões envolvendo organismos geneticamente modificados e mudanças climáticas.

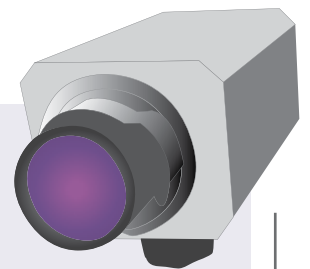
● Algumas Unidades da Embrapa suprimiram palavras do seu nome síntese. O centro de pesquisa de Cruz das Almas, BA, agora é Embrapa Mandioca e Fruticultura (“Tropical” não compõe mais a assinatura da Unidade). O mesmo aconteceu com uma das representações da Empresa em

São Carlos, que agora é Embrapa Instrumentação (sem o “Agropecuária”). Até as novas Unidades passaram por mudanças. A Embrapa Estudos e Capacitação perdeu a palavra estratégicos. E a Embrapa Cocais não tem mais planícies inundáveis no nome síntese. Já o centro de pesquisa de Sinope, o certo é chamá-lo de Embrapa Agrossilvipastoril (Mato Grosso é apenas o local onde ele está situado). Quer saber mais? Consulte a intranet <https://intranet.embrapa.br/pastatodospcom/2010/outubro-2010/embrapa-tera-mais-uma-unidade-de-servico>

● A Embrapa tem hoje no Brasil 46 Unidades Descentralizadas, sendo quatro de serviços, 16 de pesquisa de produtos, 11 de pesquisas de temas básicos, 15 ecorregionais; e 15 Unidades Centrais. Fora do país são cinco Laboratórios Virtuais no Exterior (Labex), quatro projetos na África, dois projetos nas Américas.

Reality show na lavoura

Pelo segundo ano, o projeto Lavouras do Brasil, realizado pelo Canal Rural com o apoio técnico da Embrapa, irá acompanhar em tempo real as lavouras de soja. Em outubro, duas áreas de produção, em Mato Grosso e Paraná (maiores produtores brasileiros de soja), e duas áreas experimentais começaram a ser monitoradas, 24 horas, por câmeras de vídeo. Nesta segunda edição, câmeras de vídeo foram instaladas em áreas experimentais na Embrapa Agrossilvipastoril (Sinop, MT) e na Embrapa Soja (Londrina, PR). Mais informações no site do projeto Lavouras do Brasil: www.lavouras.com.br





Fotos: Moacir Haverroth

O conhecimento que vem **DA MATA**

Cartilha na língua kulina

Em 2011 Embrapa Acre lançou uma publicação na língua kulina sobre as plantas cultivadas pelos indígenas e sua utilização. A ideia é distribuir o material em escolas das aldeias e para os professores que cursam o magistério indígena. A cartilha servirá como fonte de consulta sobre as plantas e seus usos, dentro do contexto cultural dos kulinas. De acordo com a pesquisadora Lúcia Helena Wadt, a questão indígena tem importância singular para a Amazônia. “Essa é uma forma da pesquisa valorizar a cultura e o conhecimento tradicional desse grupo.”

Priscila Viudes

A Amazônia Legal concentra 60% da população indígena do Brasil e essa importante parcela de brasileiros está incluída nas pesquisas da Embrapa. No Acre, por exemplo, um projeto está sistematizando os conhecimentos etnobotânicos dos kulinas em três terras indígenas localizadas no alto do Rio Envira, extremo oeste da Amazônia brasileira, próximo à fronteira com o Peru.

O projeto, executado no âmbito do Macroprograma 4, começou em dezembro de 2008 e já registrou cerca de 200 espécies de plantas, utilizadas pelos kulinas. O objetivo é relacionar os aspectos culturais com as informações sobre as plantas, com ênfase em seu uso. “Essa pesquisa comprovou que os kulinas possuem um vasto conhecimento sobre a flora”, conta o pesquisador da Embrapa Acre (Rio Branco, AC) Moacir Haverroth, que coordena o projeto e trabalha com esse grupo.

Segundo o pesquisador, foram registradas até 30 espécies diferentes nos roçados, cultivadas de forma sucessiva, e 15 plantadas em consórcio. “A forma como escolhem as plantas para o cultivo contribui para a regeneração da mata e para a dinâmica da floresta”, explica.

Atualmente, a pesquisa está na fase de coleta de amostras para identificação botânica, que será realizada no herbário da Universidade Federal do Acre (Ufac). Segundo o pesquisador, muitas espécies encontradas só ocorrem naquela região da Amazônia e a meta é catalogar e identificar cerca de 120 exemplares. “Apesar de ser um local de alta biodiversidade, não contávamos com um registro botânico dessa área”, explica.

Trabalho de campo

O percurso até as aldeias é pura adrenalina. Para chegar ao ponto de partida, no município de Feijó, a 378 quilômetros da capital Rio Branco, é preciso voar cerca de 40 minutos em um avião monomotor. A BR-364, que liga as duas cidades, fica parte do ano fechada por causa das chuvas, período em que são realizadas as expedições, no chamado “inverno amazônico”, entre os meses de outubro e março. Nessa época o rio fica plenamente navegável e permite chegar às comunidades mais distantes. O percurso dura até cinco dias de barco “tipo chalana”, subindo o Rio Envira. A partir daí, a equipe desce o rio, parando por três dias nas diversas aldeias onde são realizadas as coletas.

Para o trabalho de campo, são aproximadamente 40 dias e na

Respeito aos costumes

Por ser um trabalho etnobotânico, a coleta das plantas depende das informações e do acompanhamento dos indígenas, de acordo com o ritmo e a disponibilidade dos informantes. Como poucos falam Português, Haverroth precisou se familiarizar com a língua kulina. “É importante não pressionar os indígenas para obter as informações que precisamos. É preciso respeitar seu tempo e seu modo de agir”, afirma.

A formação em Antropologia facilita o convívio nas aldeias e com a observação participante, técnica na qual o pesquisador interage com a comunidade estudada, participa de rituais e festas culturais. Haverroth conta que a musicalidade desse povo é algo marcante. “A música tem um pa-

pel muito forte na cultura kulina. As mulheres passam o dia cantando e é emocionante ouvi-las”.

Para Haverroth, não é só a música que torna esse grupo especial: o conhecimento dos kulinas sobre a fauna e a flora resulta em um valioso serviço ambiental. “Essa forma de relacionamento com o meio garante a conservação da floresta. Eles são capazes de tirar o sustento da mata sem degradar.” ■

maioria das vezes a equipe fica alojada no próprio barco, dormindo em redes e tomando banho no rio. A Organização dos Povos Indígenas do Rio Envira (Opire) é uma das parceiras e colabora com o deslocamento do pesquisador. Alimentos como farinha, arroz, açúcar, sal e café compõem o cardápio e servem como moeda de troca para obtenção de peixe, carne de caça e frutas nas aldeias. O grande desafio é driblar os mosquitos que estão em toda parte. “Quando a noite cai eles invadem as redes e tiram o sono. São de muitos tipos e em grande quantidade”, diz Haverroth.



Mudanças no Canteiro

Criado em março, o Canteiro de Ideias é um canal oficial da Embrapa aberto para que empregados e colaboradores sugiram ações, simples e criativas, que levem a melhorias contínuas do bem-estar coletivo no trabalho, à economia de recursos materiais, ao aprimoramento de rotinas e processos e ao aumento da produtividade da Empresa. O procedimento de análise das ideias enviadas passou recentemente por melhorias. Quem explica é Filipe Teixeira, chefe da Assessoria de Inovação Tecnológica (AIT), Unidade Central responsável pela gestão do projeto.



Foto: Fernando Grégio

Fernando Grégio

Folha: O que levou à reformulação do processo de análise das ideias?

Filipe: No processo proposto inicialmente, o comitê deliberativo, formado pelo diretor-presidente e pelos diretores executivos, recebia um conjunto de ideias pré-analisadas e pontuadas por representantes de Unidades Centrais ou Descentralizadas. Com base nisso, esse comitê deliberava sobre a possibilidade ou não de implantação. Para que essas ideias pudessem ser analisadas e pontuadas, elas passavam antes pela AIT, que selecionava a área de interesse e as encaminhava para as Unidades correspondentes. Essas Unidades ficavam, então, encarregadas de fazer uma avaliação e dar notas à ideia conforme um conjunto de critérios. Com isso, tínhamos uma multiplicidade de avaliadores. Cada um avaliava as ideias com base em critérios subjetivos. Isso fazia com que as notas não refletissem a real importância e oportunidade de implementação da ideia. Isso começou a gerar um desconforto nas Unidades, porque elas precisavam fazer justificativas para não implementar. Foi por isso que fomos buscar um processo mais adequado de avaliação.

Folha: Como funciona o novo procedimento?

Filipe: Ele baseia-se em um comitê analítico, prévio ao comitê deliberativo. Ele é formado pelas Unidades Centrais que representam as principais áreas da Empresa no que se re-

ferre ao Canteiro de Ideias: DRM, DGP, SGE, ACS, AIT e DTI. Cada Unidade indicou um representante e seu suplente, pessoas interessadas em colaborar com o projeto e que tenham um conhecimento amplo de seu departamento. A primeira reunião aconteceu no dia 27 de outubro, com a reavaliação das propostas já encaminhadas, especialmente aquelas que se mostraram viáveis. E toda ideia nova que chegar ao Canteiro será pré-analisada pela AIT, com relação à clareza e a objetividade. Se for o caso, a ideia será encaminhada para esse comitê. Caso a ideia não seja considerada viável, o empregado que fez a proposta receberá uma explicação sobre a não aceitação. Outra possibilidade é o entendimento de que o conjunto de informações ali contidas ainda não está completo. Nesse caso, a pessoa que deu a ideia será procurada para dar mais informações. Em se entendendo que a ideia pode ser implementada, o comitê analítico aprova e encaminha ao comitê deliberativo, que decidirá se a ideia deve ou não ser encaminhada para a implementação.

Folha: E qual o caminho para a implementação?

Filipe: Após aprovada, a ideia é remetida à Unidade responsável pela implementação, que pode ser Descentralizada ou Central, para que ela então tome as providências para a implementação, caso ela seja possível. Claro que pode acontecer de a ideia chegar à Unidade e não ser implementada por

alguma razão, devido à falta dos recursos necessários, por exemplo. Nesse caso, a Unidade terá que justificar as razões pelas quais não é possível implementar a ideia.

Folha: Qual a importância do apoio das chefias das Unidades para que o projeto gere frutos na Empresa?

Filipe: O Canteiro de Ideias só vai funcionar se tiver a participação das Unidades, formada pelos empregados e pelas chefias, tanto das Unidades Centrais responsáveis por participar da análise quanto das Unidades responsáveis pela implementação. Se as chefias não tiverem interesse em implementar tais ideias, é difícil você, a partir de uma estrutura central, obrigá-las a isso. As chefias devem entender que o Canteiro existe para trazer melhorias à nossa qualidade de trabalho, e que portanto a implementação das ideias aprovadas, em teoria, será benéfica. É imprescindível que as chefias estejam empenhadas não apenas em estimular os empregados a sugerirem ideias, como também no momento da implantação. ■

Saiba mais

Acesse a página do Canteiro de Ideias na intranet:

https://intranet.embrapa.br/administracao_geral/inovacao-tecnologica/canteiro-de-ideias

CULTURA ORGANIZACIONAL em foco

Com o objetivo de identificar aspectos de sua cultura organizacional, a Embrapa está aplicando uma pesquisa junto a todos os empregados, no período de 29 de novembro a 10 de dezembro. Essa pesquisa busca verificar se os seis valores essenciais instituídos no Plano Diretor da Embrapa (PDE) estão sendo praticados.

O questionário é composto por um conjunto de itens correspondentes a esses valores, que devem balizar as práticas e os comportamentos da Embrapa e de seus integrantes. São eles: Comprometimento, Ética, Respeito à Diversidade e à Pluralidade, Excelência em Pesquisa e Gestão, Responsabilidade Socioambiental e Cooperação.

“Os resultados da pesquisa darão

origem ao Diagnóstico de Cultura Organizacional da Embrapa, que servirá como base de informações para análise e subsídio na tomada de decisão em processos de gestão de pessoas e na organização como um todo”, acrescenta José Faustino dos Santos, chefe do DGP. ■

Conceito

Para a Embrapa, cultura organizacional é o conjunto das percepções dos empregados acerca dos valores e práticas adotados pela organização e que norteiam o alcance dos resultados da Empresa.



Cuidados com o meio ambiente

Rubens Neiva

As carcaças de ruminantes causam graves problemas ao meio ambiente. Dados zootécnicos apontam que o índice de mortalidade de bovinos pode atingir 3% do rebanho em condições normais. Em situações extremas, como raios, enchente, seca ou mudanças bruscas de temperatura, esse índice pode subir de forma significativa. No último inverno, por exemplo, o Mato Grosso do Sul registrou a morte de cerca de 3 mil cabeças de gado devido ao frio. As carcaças desses animais se decompondo ao tempo facilitam a transmissão de doenças afetando outros animais e até mesmo o homem. Enterrar as carcaças também traz ris-

cos. O pesquisador da Embrapa Gado de Leite (Juiz de Fora, MG) Marcelo Otenio diz que a decomposição dos animais gera chorume e o resultado pode ser a contaminação do lençol freático, rios e lagos. A compostagem é a proposta ambientalmente correta para o destino dos animais mortos. Trata-se de processo controlado de decomposição de animais. As carcaças são depositadas sobre matéria vegetal (folhas de árvores, galhos, restos de silagem, serragem, picados em tamanho máximo de 2 cm) e esterco seco.

O Brasil já desenvolve cotidianamente a compostagem de pequenos animais, como suínos e aves. A expec-

tativa da Embrapa Gado de Leite e da Embrapa Caprinos e Ovinos (Sobral, CE) é que a técnica conquiste o produtor. Otenio diz que o processo não demanda tanta mão-de-obra e nem interfere de forma significativa nos custos de produção, considerando o retorno positivo para o meio ambiente. Os trabalhos de compostagem desenvolvidos fazem parte do Projeto de Gestão Ambiental da Embrapa. Os pesquisadores que estão à frente das ações foram capacitados na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos. Na Embrapa Gado de Leite a compostagem é realizada no Campo Experimental de Santa Mônica, em Valença, RJ. ■

Visitantes colorem Monitoramento

Graziella Galinari

Dariamente, os empregados da Embrapa Monitoramento por Satélite (Campinas, SP) são agraciados com a presença de visitantes inusitados. São diversas espécies de aves, algumas delas, segundo o ecólogo Fabio Torresan, improváveis de serem vistas na área urbana de uma cidade grande como Campinas, com mais de um milhão de habitantes. Uma das prováveis razões para a ocorrência destas aves é a presença do “Bosque do Quilombo”, formado pelos próprios empregados da Unidade e que foi revitalizado para comemorar o aniversário de três anos.

O bosque ocupa uma área de 4,9 mil m², próximo às instalações da Unidade, e possui cerca de 112 diferentes espécies nativas, como ipês, ingás,

cedros e jequitibás, além de muitas árvores frutíferas. Para o aniversário do bosque, a área foi limpa e revitalizada, com readequação das trilhas, instalação de bancos para os visitantes e identificação das árvores. Torresan explica que, apesar de ter sido plantado há pouco tempo, o bosque já se encontra em estágio avançado de desenvolvimento, com árvores produzindo frutos e atraindo muitas aves. Entre as aves mais bonitas e coloridas destaca-se o tucano (*Ramphastos toco*). “A espécie é nativa do cerrado e vem expandindo sua área de ocorrência no Sudeste em virtude de desmatamentos”, explica o pesquisador.

Da mesma família do tucano, o araçari castanho (*Pteroglossus castanotis*) também é um visitante assíduo.

Ambos gostam de usar como poleiro o corrimão da escadaria externa do prédio, surpreendendo a todos. “Ao contrário do Tucano, o araçari castanho é raramente visto em áreas já ocupadas pelo homem, sendo especialmente abundante no Pantanal do Mato Grosso, e ao longo de rios margeados por mata ciliar e em matas de galeria”, resalta Torresan. Além deles, é comum avistar outras espécies, como a gralha do campo, o pica pau branco, o pica pau do campo, o quero-quero, a maria faceira e a coruja buraqueira, que em certa ocasião se abrigou dentro da sala dos pesquisadores.

O nome “Bosque do Quilombo” foi escolhido entre os empregados e faz referência ao córrego que passa próximo à Unidade. ■

Um campo experimental diferente

Priscila Viudes

A Embrapa Acre (Rio Branco, AC) possui 73% de sua área coberta por uma imponente floresta nativa que serve como campo experimental para diversas pesquisas sobre a Amazônia e refúgio para animais silvestres como paca, macaco, tatu, cotia, veado e onça. Opa, onça? “Tem mesmo. Eu já vi as pegadas”, diz o assistente de campo Aldeci da Silva Oliveira com aquele modo enfático que o acreano utiliza nas conversas informais.

Alguns animais até visitam a Unidade, como as cobras que contam com uma ajuda especial para retornar ao seu habitat: “Quando eu vejo que não

é venenosa, enrolo no meu braço e levo de volta para a floresta”, afirma o assistente Felipe Lima, que entende do assunto.

São 880 hectares que abrigam uma diversidade de espécies florestais surpreendente: cumaru, cedro rosa, ipê-roxo, ipê-amarelo, araçá e muitos outros. As pesquisas da Unidade estão focadas nas espécies castanhado-brasil, andiroba, copaíba e jatobá. Diversas parcelas permanentes foram delimitadas no local para a avaliação da dinâmica da floresta.

Para o pesquisador Luciano Ribas a principal vantagem da área é a proximidade com a Unidade. “Nesse local, a

alguns metros dos prédios da Unidade, ocorrem diferentes tipologias da floresta de transição, presentes nas diversas regiões do Acre. É um campo experimental onde não precisamos plantar, estudamos e avaliamos aquilo que a natureza oferece.”

Uma das trilhas mais famosas é a da Castanheira da Vovó, passagem obrigatória para a maioria dos visitantes da Unidade. “Recebemos muitos estudantes e pesquisadores de diversos estados e países que realizam o primeiro contato com a Floresta Amazônica aqui”, afirma Ribas. ■



Campos da Embrapa são cenário de novela



Foto: Ana Lúcia Ferreira

Cenas da novela *Passione*

Ana Lúcia Ferreira

A Fazendinha Agroecológica Km 47 da Embrapa Agrobiologia (Seropédica, RJ) é agora o sítio da família Mattoli. Pelo menos na ficção. A Unidade é cenário da novela *Passione*. Nas cenas gravadas no Centro, o agricultor italiano Totó Mattoli está com os filhos Agnello (Daniel Oliveira), Adamo (Germano Pereira) e Alfredo (Miguel Roncato) na plantação, onde colhem, plantam e conversam sobre os problemas familiares. Como havia a necessidade de mexer na terra, nas mudas e até com o trator, o diretor Carlos Araújo pediu auxílio aos empregados responsáveis pela manutenção da horta da Fazendinha, que orientaram, ligaram e desligaram o sistema de irrigação para dar um belo efeito na cena e ainda retardaram o plantio por uma hora de forma a possibilitar a gravação no local.

De todos os empregados que auxiliaram na cenografia, provavelmente um dos mais emocionados era o tratorista José Maria dos Santos Soares. Tímido e de poucas palavras, coube a ele a orientação ao ator Tony Ramos. Em poucos minutos, José Maria explicou para o ator como proceder com o trator: “Mostrei o freio, como

sair e a rotação do motor”. Ele nunca imaginou estar tão perto e ainda orientar Tony Ramos. Mas apesar da emoção, não esqueceu a responsabilidade e os cuidados com a horta: “Expliquei para ele procurar ir o mais reto possível para não pisotear o canteiro e remexer a terra que já está preparada”.

Se para os empregados da Embrapa a movimentação dos 70 profissionais envolvidos na produção da novela já não era mais novidade, para os moradores da vila residencial próxima à Fazendinha, o aparato chamou a atenção. No dia 11 de outubro, por exemplo, véspera de feriado, com muita gente em casa, o entra e sai de carros da TV Globo acabou atraindo curiosos em busca de um autógrafo e fotos com os famosos. Foi o caso da empregada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Ivone Santos, que estava a caminho do trabalho e deu uma paradinha para observar e tirar uma foto com Tony Ramos. “Eles são todos muitos simpáticos. E tão pertinho da minha casa, não podia perder a oportunidade...”, disse. As cenas gravadas na Embrapa Agrobiologia foram ao ar no dia 21 de outubro. ■

Caatinga Viva



Em grande festa realizada na sede da Petrobras, no dia 26 de outubro, o pesquisador da Embrapa Solos (Rio de Janeiro, RJ) Silvio Tavares comemorou a aprovação do projeto Caatinga Viva, que vai atuar na região do Baixo Açu. É uma região onde a população local utiliza de forma irracional os recursos madeiros provenientes da caatinga como a principal fonte de combustível energético para queima em fornos e fogões, tanto domésticos como industriais, explica Tavares. “Pretendemos, com o projeto, que a biomassa a ser fornecida para essa biofábrica seja produzida pelos próprios grupos organizados de agricultores e extrativistas (carnaubeiros) locais”, explica. O trabalho, que tem orçamento de R\$ 3,5 milhões, e duração de dois anos (2011 e 2012), vai implantar usina de briquetes com capacidade de fabricação anual de 4.680 toneladas em uma das áreas mais suscetíveis do Brasil ao processo de desertificação, o Baixo Açu. Entre os principais resultados esperados pelo projeto estão a substituição de praticamente 100% da lenha utilizada na indústria ceramista da região, e uma diminuição significativa da pressão antrópica sobre a vegetação nativa da caatinga que terá possibilidade de regeneração natural muito mais acelerada. (Colaboração: Carlos Dias).

“Embrapawood”:

muito além da ciência e tecnologia

Selma Beltrão

Quem já participou da produção de um programa Dia de Campo na TV o conhece. Por trás das câmeras, gravando imagens para as reportagens e entrevistas do programa televisivo semanal da Embrapa ou dirigindo as gravações de vídeos especiais, como o “Quebrou a Língua”, “Feijão da Gente” e o “Sementes Crioulas”, Elias Rodrigues, assistente da Embrapa Informação Tecnológica (Brasília, DF) é muito mais que cinegrafista ou editor de imagens.

Roteirista, ator e diretor de cinema e teatro, ele se prepara para lançar *213?* seu primeiro curta-metragem, no qual assina roteiro e direção. O filme está inscrito no 43º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que acontece de 23 a 30 de novembro na Capital Federal, e no Vitória Cine Vídeo, de 6 a 12 de dezembro, em Vitória (ES).

O filme, do gênero ficção, aborda a solidão vivida por Flávio, um homem jovem que mora na grande cidade tendo apenas o rádio e a internet como companhias, por meio das quais tenta encontrar um amor verdadeiro, mas acaba tragicamente preso e é assassinado pelos companheiros de cela.

No elenco de *213?*, que participa da mostra Brasília de filmes inéditos, estão também os colegas de Unidades Centrais e de serviços da Embrapa em Brasília: Orlando Crispim, Juliana Andrea, Susy Darlen e Suely Sylva, que integram o

grupo de teatro da Sede Semeação.

Para Juliana Andrea, analista da Embrapa Informação Tecnológica, participar pela primeira vez de um filme rodado dentro de padrões profissionais, com set de filmagem, locações agendadas, camarim e ainda ser dirigida por um amigo de trabalho e de teatro, é uma experiência indescritível.

Orlando Crispim, assistente do Departamento de Recursos Materiais (DRM), e

que exerce a função de motorista, no filme assume o papel de agente penitenciário, e revela que esta foi uma experiência inédita para quem faz curso superior de ArteEducação: “Na faculdade trabalhamos todas as linguagens, mas atuar é aprender na prática e trabalhar com temas sociais é sempre emocionante, principalmente quando o cenário é real”. As cenas feitas na cela foram gravadas na Penitenciária Municipal

de Santo Antônio de Goiás, em Goiás, com autorização da Secretaria de Segurança Pública Estadual.

Muito trabalho

O filme tem 20 minutos de duração, mas exigiu da equipe 150 horas de dedicação, o que representou para o elenco dois fins de semana em set de filmagens, e para o diretor mais 40 horas de trabalho em estúdio à noite e nas madrugadas, editando e montando o material final. “Como ainda não obtive os incenti-

vos financeiros do Fundo de Apoio à Cultura do DF, conto com recursos próprios, com o apoio de amigos que cedem estúdios e ilhas de edição no horário da noite, e com uma rede de contatos nas áreas de arte, som e fotografia, com a qual tenho me relacionado no mundo do cinema, porque cinema é um trabalho que só se faz em equipe”, explica Elias.

Nos palcos do teatro desde 1987, época em que morava em Cacoal (RO), Elias somente estreou no cinema recentemente, em 2008, quando fez teste para o Grupo de Cinema da Ceilândia (DF) – Ceicine –, e foi selecionado para o elenco de *Dias de Greve*, onde interpreta o papel de um serralheiro que se vê com a missão de liderar uma greve. O filme, que ganhou o prêmio Câmara Legislativa de 2º Melhor Filme em 35 milímetros, no Festival de Cinema de Brasília, em 2009, já ganhou o mundo, e este ano foi exibido na Itália, no Festival de documentários sociais “Terra di Tutti”. ■



Cartaz de divulgação do filme.

